

Em eleição, confiança é fundamental

Alberto Carlos Almeida,
diretor da Ipsos Public Affairs
e professor

EM MAIO DE 1998, o então presidente Fernando Henrique Cardoso teria declarado que “todo aposentado é vagabundo”. O episódio ganhou ampla cobertura da mídia. Muitos se apressaram em afirmar até que poderia abalar a campanha à reeleição do presidente. Nada aconteceu e FH derrotou Lula, com folga, no primeiro turno.

Quatro anos antes, o ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, sem saber que sua imagem estava sendo captada por sinais da Rede Globo, fez comentários considerados comprometedores para a campanha do candidato governista. O episódio da “antena parabólica” foi fartamente explorado pelo PT

no horário eleitoral gratuito. Efeito nulo: FH foi eleito pela primeira vez, com facilidade. Ambos os eventos, apesar de muito divulgados, não abalaram a confiança que o eleitorado depositava em Fernando Henrique.

Porém, nem sempre é assim. Basta lembrar o destino de outras duas candidaturas presidenciais: Roseana Sarney e Ciro Gomes. Em 2001, o PFL apostara suas fichas na candidatura da então governadora do Maranhão. Em setembro do mesmo ano, os números da evolução da candidata – registrados em meu livro *Por que Lula?* (Ed. Record) – mostravam Roseana abaixo de Ciro e do candidato petista, com somente 12% dos votos. Em fevereiro de 2002, a governadora estava em segundo lugar, no

encalço de Lula, chegando a 23% dos votos, apenas três pontos percentuais a menos que o primeiro colocado. No dia 1º de março de 2002, abateu-se sobre ela o escândalo Lunus. Dinheiro supostamente ilegal fora encontrado na empresa de Jorge Murad, marido e secretário de Governo de Roseana. Em tese, teria por objetivo nutrir a campanha eleitoral da candidata. As fotos das notas de R\$ 50 correram o Brasil. Com a credibilidade abalada, Roseana despençou nas intenções de voto. E o PFL retirou sua pré-candidatura.

Ciro Gomes seria vítima do mesmo fenômeno ainda em 2002. O então candidato da aliança PPS-PTB teve um início de campanha avassalador. Em junho daquele ano, ele saiu de 11% para 28% das intenções de

voto: tinha conquistado o mesmo terreno que havia sido de Roseana: manutenção das conquistas de FH, sem o risco Lula. No final de setembro, no entanto, portava os mesmos 11% do começo de julho. O candidato do PPS enredara-se em vários episódios e declarações que viriam a complicar sua vida.

Mas, afinal, o que faz com que algumas ofensivas sejam mortais e outras causem estragos, contudo, insuficientes para levar à derrota eleitoral? Um primeiro fator é a fonte da informação. Quando fornecida “de dentro da cozinha” – casos do irmão de Collor e do marido de Roseana – ou pelo próprio político, como ocorreu com Ciro, a informação tem um elevado potencial de destruição. Lula passou perto disso, em agosto de 2005, quando Duda Men-

donça decidiu depor na Câmara. Seu braço-direito na Comunicação não era parente ou agregado, mas se tratava de pessoa muito próxima. Nesse período, o governo registrou um dos mais baixos índices de aprovação. Mas esse fator sozinho não foi suficiente para eliminar Lula. Afinal, foi o próprio FH que teria dado a declaração que insultava os aposentados.

Ao que tudo indica, há um outro elemento – este sim, determinante – que diz respeito a uma combinação entre prova cabal e gravidade do fato. Fotos de dinheiro apreendido são provas. Dinheiro desviado é um fato grave. Matrícula em escola particular é uma prova. Mentir, um fato grave. E por aí vai. Nem FH nem Lula tiveram contra si esta explosiva combinação de fatores. Sobreviveram.